

Sociedade Harmonia Pelotense: um espaço de sociabilidade e de distinção da elite pelotense (1851-1860).

Dalila Müller¹

Resumo

Na segunda metade do século XIX, após a Revolução Farroupilha (1835-1845), a cidade de Pelotas retomou seu desenvolvimento sócio-econômico e cultural paralisado pelos dez anos de guerra. Nesse contexto a sociedade pelotense começou a buscar novos espaços de sociabilidade para usufruir seu tempo livre, os quais possibilitaram diversos e diferenciados espaços de interação social. Entre estes, destaco a organização de associações culturais e recreativas, principalmente, das sociedades de baile. Assim, este artigo tem por objetivo analisar a primeira sociedade de baile fundada em Pelotas, como um espaço de sociabilidade e de distinção social, uma vez que era nos espaços formais que a elite ostentava sua riqueza, demonstrava suas boas maneiras, servindo, em alguns casos, de modelo para a população menos privilegiada. Também, nessa sociedade é possível perceber a coesão e a identificação entre os indivíduos que dela participavam, bem como a distinção em relação aos que ficavam de fora.

Palavras-chave: Pelotas. Século XIX. Elite. Sociabilidade. Sociedade Recreativa.

¹ Doutora em História (UNISINOS); Docente do Curso de Turismo da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: dmuller@ufpel.tche.br.

Introdução

Durante as comemorações da festa de Nossa Senhora da Conceição, no dia 8 de dezembro de 1851, realizou-se um dos bailes “regulares que costuma dar a sociedade ‘*Harmonia Pelotense*’”, a mais “aristocrática” das três sociedades de baile em funcionamento em Pelotas no início da década de 1850. Bailes como estes não eram novidade na vida da elite pelotense, mas já possuíam uma regularidade, provavelmente desde o início do ano de 1851. Esse baile reuniu em torno de “300 pessoas, entre elas 150 senhoras que rivalizavam em elegância, bom gosto, simplicidade e formosura”. Onde “dançou-se muito, conversou-se igualmente”. Além da “bela música”, havia “profusão de finos e delicados doces e refrescos, e o chá nada deixou a desejar”. O baile “acabou às três horas ou talvez um pouco mais”, quando “todos saíram satisfeitos do agasalho e belas maneiras dos encarregados da função”. (O Rio-Grandense, quinta-feira, 11.12.1851, p. 1-2, n. 276, ano VII).

Este comentário do redator do jornal *O Rio-Grandense* da cidade de Rio Grande mostra a dinâmica dos bailes que eram oferecidos em Pelotas pela Sociedade Harmonia Pelotense durante toda a década de 1850, quando “grande número de pessoas gradas desta cidade” (O Pelotense, quinta-feira 22 e sábado 24.01.1852, p. 1, n. 29 e 30, ano II) participavam ativamente das atividades desenvolvidas nessa associação, fossem elas os bailes propriamente ditos ou os concertos e banquetes que ali se realizavam.

Assim, este artigo tem por objetivo analisar a sociedade de baile Harmonia Pelotense organizada na cidade de Pelotas no início da década de 1850. Essa associação, além de ser um espaço de sociabilidade da elite pelotense, era um espaço de distinção social (BOURDIEU, 2007), no qual a elite ostentava sua riqueza, demonstrava as “boas” maneiras e seu “bom” gosto, se diferenciando em relação àqueles que dela não podiam participar.

A elite é aqui entendida na perspectiva de Needel (1993) e Heinz (2006). Para esses autores, a elite constitui-se num grupo que possui influência, privilégios e poder de decisão na sociedade a que pertence, distinguindo-se pelo seu comportamento social, servindo, muitas vezes, de modelo pelo seu modo de vida.

Essa elite participava de diferenciados espaços de sociabilidade, fossem eles informais, como a Praça da Regeneração e as ruas da cidade; semiformais, como os hotéis e o Teatro Sete de Abril; e, formais, como as sociedades culturais e recreativas (MÜLLER, 2010).

Neste trabalho analiso apenas um espaço de sociabilidade, aquele em que a presença dos “diferentes” é menos provável, principalmente, pela rigorosa seleção dos sócios e dos convidados.

Os espaços de sociabilidade formais são aqueles “mais fechados, organizados através de estatutos, normas e regulamentos, com caráter de permanência, com a presença de sócios ‘iguais’ e local específico” (MÜLLER, 2010, p. 35).

De acordo com Maurice Agulhon (1992) a sociabilidade é a qualidade do ser sociável, estando relacionada ao comportamento coletivo em espaços formais ou informais definidos. Nestes espaços, o homem estabelece vínculos, busca os aspectos agradáveis das relações humanas, a fruição da presença do outro, a reciprocidade.

Os estudos da sociabilidade procuram compreender as diversas maneiras pelas quais os homens se relacionam, as expressões e manifestações, mais ou menos formalizadas, da vida em sociedade, de coletividades definidas no tempo, no espaço e na escala social.

Para desenvolver esta análise, utilizei a fonte jornalística. A principal fonte de pesquisa foram os jornais que circulavam em Pelotas e em Rio Grande, cidade próxima à Pelotas, durante a década de 1850. Os jornais impressos concentravam um papel fundamental no registro da vida social da cidade, pois, como diz Loner (1998, p. 7), numa cidade pequena e requintada como Pelotas, “coisas que normalmente hoje não seriam reproduzidas [...] eram contadas nos mínimos detalhes, permitindo conhecer tanto o pitoresco do fato, quanto o lado cotidiano da vida das pessoas daquela época”.

Nesta década foram editados os primeiros jornais de Pelotas, quais sejam, O Pelotense, O Noticiador e o Brado do Sul. Porém, esses jornais não tiveram uma regularidade de circulação e destes, poucos exemplares estão disponíveis para pesquisa. Em vista disso, além destes, foram pesquisados dois jornais da cidade de Rio Grande. Esses jornais divulgavam, quase diariamente, informações referentes à cidade de Pelotas.

As características dos sócios foram obtidas a partir dos seguintes documentos: da Lista Geral dos Cidadãos Qualificados Votantes no 1º Distrito de Pelotas, de 03 de fevereiro de 1865; dos registros de óbitos e casamentos da Cúria Diocesana da Catedral São Francisco de Paula de Pelotas; dos inventários disponíveis no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul; do Ofício com a Lista dos principais fazendeiros ou criadores do 3º distrito de Pelotas, encaminhado pela Sub-Delegacia de Polícia do 3º Distrito do Termo de Pelotas, em 24 de março de 1858, para o presidente da Câmara Municipal de Pelotas. (Correspondências das

Câmaras Municipais. Correspondência Expedida. Maço 106, Caixa 47 – 1858-1865 – AHRGS). E das seguintes fontes bibliográficas: OGNIBENI (2005), OSÓRIO (1997) e AITA; AXT; ARAÚJO (1996).

Pelotas na Década de 1850

No momento em que a Sociedade Harmonia Pelotense era fundada, Pelotas era uma cidade que se reorganizava em função da Revolução Farroupilha (1835-1845), quando seu desenvolvimento sócio-econômico e cultural, iniciado no final do século anterior, ficou paralisado.

No final do século XVIII iniciou-se a atividade charqueadora na região de Pelotas, a qual se desenvolveu durante todo o século XIX. No final de década de 1770 José Pinto Martins instalou a primeira charqueada à margem direita do arroio Pelotas, sendo seguido por outros charqueadores. Em 1822 já estavam em funcionamento 22 charqueadas (MAGALHÃES, 1993), o que demonstra o crescimento desta atividade no início do século XIX, transformando a região de Pelotas no grande centro saladeiril do Estado.

Com a exploração da atividade charqueadora a população começou a aumentar, formando-se um povoado, inicialmente às margens do arroio Pelotas, juntamente com as charqueadas e, posteriormente, mais afastado desta atividade, nas terras de Antônio Francisco dos Anjos, local onde se formou a cidade.

A partir de 1810 os moradores solicitaram a criação de uma freguesia, a qual veio estabelecer-se em 1812, baseada na existência de mais de 150 famílias, “as mais abastadas da fronteira” e de fábricas de carne salgada que ocupavam, aproximadamente, 100 pessoas (MELLO, 1912).

Entre 1812 e 1830 a população dobrou, surgiram fábricas, ruas foram traçadas. A Freguesia cresceu populacionalmente, passando de 2.419 habitantes em 1814 (OSÓRIO, 1997, p. 80) para 10.873 em 1833 (ARRIADA, 1994, p. 73-4), um crescimento de aproximadamente 440 pessoas por ano¹. Em 1832 possuía um grande número de casas comerciais, delas provindo grande parte da sua arrecadação².

Esse crescimento populacional, econômico e urbano de Pelotas foram requisitos importantes para a sua elevação à condição de vila, em abril de 1832 e de cidade, em 1835. Através da Lei nº 5 de 27 de junho de 1835, Pelotas atingiu a condição de cidade, juntamente

com Rio Grande³. Nesse ano o Rio Grande do Sul passou a contar com três cidades: Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande.

Porém, neste mesmo ano iniciou-se a Revolução Farroupilha, a qual perdurou até 1845. Com ela, as atividades econômicas, sociais, culturais e políticas sofreram uma estagnação. Os depoimentos do período são unânimes em concordar que Pelotas parou durante o decênio da guerra, como destacou o Conde D’Eu (1936, p. 213): “[...] os dez anos da guerra civil, 1835-1845, foram especialmente para Pelotas um período de misérias e de estacionamento”.

Porém, antes do término da Revolução Farroupilha, a cidade retomou seu desenvolvimento. A população de 10.873 em 1833 passou para 6.248 em 1846, uma redução de 42,54% (MAGALHÃES, 1993), aumentando para 10.757 em 1858, ou seja, um acréscimo de 385 moradores por ano. Já em 1859 a população de Pelotas passou para 12.893, atingindo um total de 15.384 moradores em 1865 (ANJOS, 2000, p. 46). Esses dados demonstram o crescimento da população, ocasionado pelo retorno de antigos moradores e pela chegada de imigrantes europeus, uruguaios e argentinos.

Klaus Becker apontou a chegada de 18 nacionalidades em Pelotas entre os anos de 1844 e 1852, sendo as principais delas a portuguesa, a francesa, a espanhola, a italiana, a uruguaia e a argentina, caracterizada por uma imigração espontânea de indivíduos com qualificação profissional (BECKER, 1958, p. 322).

Em 1841 o alemão Luiz Eggers fundou uma fábrica a vapor de sabão, velas e cola às margens do arroio Pelotas (AVÉ-LALLEMANT, 1953, p. 391); em 1843, provavelmente por outro alemão, foi aberto o Hotel Aliança; em 1844 a Câmara Municipal reiniciou suas atividades administrativas e o Teatro Sete de Abril reabriu como casa de espetáculos; em 1845 o francês Carlos Ruelle fundou a primeira casa de seges e carroças de Pelotas (ANJOS, 2000, p. 90).

Em 1853 Pelotas possuía as seguintes fábricas em funcionamento: o curtume de peles de Ribas Filho & Frias; a fábrica de cervejas de Joaquim José da Silva; um grande número de fábricas de chapéus, entre elas, a de Moutier, a maior da cidade; a fábrica de sabão, velas e cola de Moureau & Cia.; a fábrica de cadeiras americanas de Fernandez Roldão; uma fábrica de cartas de jogar; uma fábrica de seges, carrinhos e ônibus; diversas fábricas de selins e correiros (O Rio-Grandense, quarta-feira, 26.01.1853, p. 1-2, n. 19, ano IX. Rio Grande; O Rio-Grandense, quinta-feira, 27.01.1853, p. 3, n. 20, ano IX. Rio Grande); a fábrica de sabão

de Domingos Soares Barbosa; e, um curtume em Monte Bonito, do Coronel Campos (O Pelotense, sábado, 29.01.1853, p. 3, n. 166, ano III. Pelotas).

Na década de 1850 surgem os primeiros jornais da cidade, entre eles, O Pelotense, O Noticiador e o Brado do Sul. Vinculadas a estes jornais, funcionaram nesta década, duas tipografias, a de Luiz José de Campos, do jornal *O Noticiador* e a Imparcial, de Cândido Augusto de Melo, que publica o jornal *O Pelotense*, demonstrando uma maior preocupação intelectual na cidade.

A atividade charqueadora se intensificou, com o funcionamento de 21 charqueadas na safra de 1859-60, as quais abateram 181.100 reses (Diário do Rio Grande, quarta-feira, 24.10.1860, p. 1, n. 3533, ano XIII. Rio Grande), chegando a 35 charqueadas em funcionamento no ano de 1873, quando foram abatidas 408.010 reses (MÜLLER, 2004).

Observa-se, assim, que a partir da segunda metade da década de 1840, a cidade voltou a se desenvolver. A população retornou e imigrantes começaram a chegar; as charqueadas e novos estabelecimentos industriais e comerciais intensificaram suas atividades, o que possibilitou que uma elite, com condições financeiras e tempo livre, se formasse na cidade e se dedicasse a atividades de lazer⁴, construindo, assim, novos e diferenciados espaços de sociabilidade, entre eles, as sociedades de baile.

A Sociedade Harmonia Pelotense

Analisando as fontes documentais posso dizer que a Sociedade Harmonia Pelotense foi a primeira associação voluntária de caráter recreativo que se fundou em Pelotas, após a Revolução Farroupilha. No mesmo período, foram fundadas mais duas sociedades de baile, uma mais democrática e a outra mais plebéia que a “aristocrática” Sociedade Harmonia Pelotense.

Antes da fundação dessas sociedades de baile, os bailes já eram realizados na cidade de Pelotas, porém, de maneira esporádica e sem local específico. Os bailes faziam parte da programação das comemorações cívicas e/ou religiosas e eram realizados para homenagear alguma personalidade política ou religiosa que visitava a cidade e, a maioria deles, era realizada na casa da Câmara.

Assim, a origem das sociedades de baile envolve reuniões informais realizadas em locais inadequados, principalmente pelo tamanho; sem periodicidade; sem normas ou

regulamentos explícitos. Esses bailes esporádicos evoluíram para as sociedades de baile, com uma periodicidade, com sede específica, com estatutos e com a presença restrita de sócios e convidados, ou seja, evoluíram de um estado informal para o formal.

Como diz Agulhon (1977, p. 12): “Uma evolução progressiva da sociabilidade consistirá, assim, por um lado, da aparição de associações *voluntárias* [...] cada vez mais numerosas e diversificadas; e, por outro lado, na passagem dessas associações do estado *informal* [...] ao estado *formal* [...]”.

As sociedades de baile apareciam como um espaço intermediário entre a privacidade doméstica e os locais que possuíam menores restrições. Eram “lares coletivos” onde a elite, em grupos de amigos, se encontrava periodicamente para dançar, objetivo principal, mas também para conversar, beber ou jogar “jogos lícitos”, pois, como se sabe, “vai-se ao baile para apertarem-se as relações sociais e criar-se essas cadeias de amizade, que no futuro serão aquelas da felicidade!” (Diário do Rio Grande, domingo, 05.01.1868, p. 1, n. 5707, ano XXI. Rio Grande).

A fundação dessas sociedades recreativas, não foi um movimento isolado. Neste período (final de 1840 e a década de 1850) foi fundado um grande número de outras associações na cidade, quer de interesse público, como as sociedades filantrópicas ou assistenciais; quer setoriais, como as sociedades mutualistas; ou, religiosas, como a maçonaria e as irmandades.

Assim, este período se distinguiu pela criação dessas associações e pela diversidade destas formas associativas. Maurice Agulhon (1977) conclui, para o caso francês, que a implantação e a difusão de associações ocorreram preferencialmente em centros urbanos. Essa “explosão associativa” ocorrida em Pelotas pode estar vinculada ao desenvolvimento econômico, sócio-cultural e urbano que a cidade experimentou após a Revolução Farroupilha.

Assim, é após a Revolução Farroupilha que se produz um desenvolvimento importante do movimento associativo. São organizações de objetivos e conteúdos diversos, mas que têm em comum o fato de fundarem-se na adesão voluntária dos participantes. Essas associações indicavam “uma tendência à transformação das formas de organização da vida comunitária” (GONZÁLEZ, 2008, p. 101).

A criação desses novos espaços representou uma sociedade civilizada e urbanizada, menos atrasada e mais moderna, sendo um signo de progresso, que é medido pelo grau de

desenvolvimento da sociabilidade (GONZÁLEZ, 2008). A criação e a participação em espaços formais de sociabilidade se tornam, assim, um critério de distinção social.

A elite pelotense funda a Sociedade Harmonia Pelotense no final de 1851. Essa sociedade se manteve em funcionamento durante toda a década de 1850, fechando, provavelmente, no final do ano de 1860 ou no início de 1861.

Durante essa década, como já afirmei, mais duas sociedades de baile foram organizadas na cidade. Uma considerada mais “comercial” e a outra mais “plebéia”. Posso dizer que os novos modelos de sociabilidade e a difusão de novos códigos de civilidade⁵ foram se difundindo em sentido socialmente descendente.

A teoria da circulação dos modelos de Norbert Elias (1993) permite compreender esse aspecto na medida em que a emulação dos códigos de comportamento não se coloca apenas entre a aristocracia e a burguesia, mas também entre grupos mais populares.

Nos últimos cinco anos da década de 1850 ficou sendo a única sociedade de baile em funcionamento na cidade, porém, passando por alguns problemas, “cuja dissolução foi por muitas vezes prognosticada” (Diário do Rio Grande, quarta-feira, 15.07.1857, p. 2, n. 2558, ano X. Semanário Pelotense XXVII. Rio Grande).

Além de problemas internas à Sociedade Harmonia Pelotense, os problemas sociais e econômicos pelos quais passava a cidade de Pelotas, como a “paralisia” do comércio e da indústria, a epidemia da cólera em 1855, podem ter contribuído para ocasionar o fechamento desta sociedade no início da década de 1860. Agulhon (1977), em seus estudos, concluiu que a sociabilidade está relacionada às condições sócio-econômicas e políticas do cenário onde elas estão inseridas, sendo explicada pelo resultado das relações sociais, econômicas e históricas objetivas.

Durante seu funcionamento, a Sociedade Harmonia Pelotense realizava, regularmente, suas “partidas mensais”, ou seja, seus bailes. Além dos bailes regulares, realizavam os “bailes de gala” em comemorações cívicas e religiosas. Seus bailes eram freqüentados “em demasia nas noites de seus saraus, e quanto há de mais elegante em ambos os sexos ali comparece a distrair-se.” (O Rio-Grandense, quarta-feira, 26.01.1853, p. 1-2, n. 19, ano IX. Rio Grande).

Além dos bailes, o salão da Sociedade também era utilizado para os concertos vocais e instrumentais e para o oferecimento de banquetes. No período que estudo, não havia em Pelotas os “clubes musicais”, a maneira dos clubes *Phileuterpe* e *Philharmonica* do Rio de Janeiro, onde havia a predominância da música em detrimento da dança (PINHO, 1959).

Desse modo, essa atividade era realizada nesta Sociedade, difundindo-se, assim, o hábito de escutar música instrumental e vocal, hábito relacionado com as reuniões privadas realizadas nas residências da elite pelotense.

Os primeiros banquetes oferecidos pela elite pelotense para artistas, como João Caetano dos Santos, ou para personalidades políticas foram realizados nesta sociedade e nos principais hotéis da cidade, como o Hotel Aliança, outro importante espaços de sociabilidade da elite pelotense (MÜLLER, 2010).

Para admissão de sócios, tomavam-se em consideração as exigências previstas nos estatutos. A entrada de sócios requeria certos requisitos morais e financeiros, pois o sócio que fosse aprovado era obrigado a pagar a “jóia” e as mensalidades. Assim, era necessário ter dinheiro e respeitar os códigos de civilidade que permitiam ter acesso a esse universo social restrito. Tais requisitos faziam do ato de admissão “um ritual seletivo, que tanto favorecia a coesão e a identificação entre os indivíduos que eram admitidos, como os distinguiu em relação aos que ficavam de fora” (BERNARDO, 2001, p. 89).

Os estatutos regulamentavam ainda, a constituição do corpo administrativo. A diretoria era formada por um presidente, um ou dois vice-presidentes, um ou dois secretários, tesoureiro, procuradores, fiscais ou diretores de cada mês. A diretoria era eleita em assembléia geral, um mês antes de acabar a administração anterior. A eleição era secreta.

Levando em conta a fonte ainda disponível para pesquisa, somente consegui identificar os sócios que participaram de alguma diretoria, ou que fizeram parte de alguma comissão, entre elas de organização de algum baile.

O corpo administrativo da Sociedade Harmonia Pelotense era composto de homens portugueses ou luso-brasileiros. Observou-se que o estrangeiro não português não estava presente na direção desta sociedade, apesar de terem chegado a Pelotas, entre os anos de 1844 e 1852, estrangeiros de 18 nacionalidades diferentes (BECKER, 1958).

A participação dos portugueses e seus descendentes nesta sociedade pode se justificar pelo fato dos primeiros colonizadores de Pelotas e dos primeiros proprietários das charqueadas pelotenses serem naturais de Portugal (MAGALHÃES, 2004). Além disso, a partir da década de 1850, os estrangeiros portugueses tiveram uma participação em torno de 27% no número de entradas de imigrantes em Pelotas (BECKER, 1958).

Analisando as características desses sócios, posso dizer que os membros dessa sociedade eram charqueadores, estancieiros, proprietários, capitalistas, comerciantes, mas

também profissionais liberais, principalmente médicos e advogados, que, na maioria das vezes eram filhos de charqueadores ou estancieiros. Observa-se uma união de profissões urbanas e rurais. O comércio era uma atividade que se expandia na cidade, provavelmente por isso a grande participação dessa categoria profissional. Os charqueadores e estancieiros eram aqueles homens que começaram a construir seus casarões na área urbana de Pelotas e, por esse motivo, podiam participar com mais afinco das atividades sociais.

Também foi possível verificar a participação desses sócios em associações filantrópicas, como a Santa Casa de Misericórdia e o Asilo de Órfãos N. S. da Conceição ou mutuais como a Sociedade Portuguesa de Beneficência. Esses sócios participavam da diretoria dessas associações, sendo provedores, irmãos, médicos, mordomos, escrivães, demonstrando que a elite estava presente em vários aspectos da vida pública, transitando por vários espaços formais.

Ainda foi possível verificar que esses sócios participavam ativamente da política local, participando da Câmara de Pelotas, sendo, muitas vezes presidente. Destaco a participação de dois sócios na Assembléia Legislativa Provincial e de um sócio como representante do Rio Grande do Sul na câmara dos Deputados.

A participação destes sócios na vida política-administrativa, local ou nacional, indica uma coincidência entre a elite política e a elite econômica, constatando-se o que Bourdieu (2007) designou de homologia entre os dois campos. Também revela que nesses espaços os homens estabeleciam vínculos de sociabilidade, se articulando também politicamente.

A partir das fontes foi possível perceber que os sócios, ou pelo menos, a diretoria da Sociedade Harmonia Pelotense, pertenciam não só a elite econômica/ profissional local, como também participavam de sociedades filantrópicas e assistenciais, assim como, da vida política local e também nacional.

Quando da realização das partidas mensais, os sócios tinham o direito de trazer a sua família e, ainda, convidar e/ou recomendar uma família ou pessoa solteira, a qual era convidada oficialmente pela diretoria, desde que “goz[asse] geralmente pelos bons costumes, inteiro conceito público”. À diretoria era facultado conceder ou negar o convite.

A possibilidade de cada sócio convidar uma família significava o alargamento social do círculo de convívio, demonstrando que esse era um espaço de sociabilidade mais alargado que o espaço doméstico, porém, a recomendação dos convidados por algum sócio indicava que esses convidados faziam parte de seu círculo de relação.

Posso dizer que a necessidade de recomendação e avaliação dos convidados indica que eles eram selecionados. A sociedade era um espaço restrito, onde tinham acesso somente aqueles que preenchiam os requisitos adequados para poderem participar dos bailes, ou seja, a escolha dos convidados – pessoas de passagem pela cidade ou pessoas das relações de algum sócio – tanto favorecia a coesão e a identificação dos indivíduos que eram aceitos para os bailes, como os distinguia em relação aos que ficavam de fora.

Conclusão

A Sociedade Harmonia Pelotense, mais do que espaço para a dança, era o principal lugar de congregação da elite; era o local de demonstrar o bom gosto, materializado nas “encantadoras *toilettes* das senhoras” e na decoração do salão; um local para demonstrar a “urbanidade” através das “maneiras civilizadas da dança”. Era um lugar ideal para encontrar o par, o futuro esposo ou a futura esposa, fortalecendo, assim, a elite mediante o casamento, pois o rigor com que eram selecionados os sócios e os convidados fazia com que só participassem os ditos “iguais”, excluindo os demais.

Os bailes sempre gozaram de grande prestígio na elite local pelotense. O baile era um divertimento coletivo e constituía-se numa das mais significativas manifestações de sociabilidade. A dança era considerada “o alicerce o mais firme em que devem descansar as sociedades civilizadas da nossa afortunada época” (Diário do Rio Grande, sexta-feira, 10.07.1857, p. 1, n. 2554, ano X. Semanário Pelotense XXVI. Rio Grande). Prova disso está no grande número de “concorrentes” que frequentavam esses bailes, chegando a ter, alguns deles, 400 a 500 pessoas. As sociedades de baile, mais do que espaços de dança, refletiam uma sociedade que se via e que se queria civilizada.

Tais associações eram exemplos de sociabilidades privadas e seletivas que se estruturavam segundo referentes que derivavam da percepção e incorporação dos códigos de comportamento que difundiam sinais de proximidade e distanciamento entre os indivíduos e entre os grupos, estabelecendo marcas distintivas e de distinção (BOURDIEU, 2007). Ou seja, esses espaços formais de sociabilidade acabavam sendo espaços de diferenciação e de distinção, onde a elite procurava impor seus valores e sinais distintivos.

A sociedade de baile era um espaço de sociabilidade que unia, mas que também separava:

Como toda a espécie do gosto, ela [a disposição estética] une e separa: sendo o produto dos condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência, ela une todos aqueles que são o produto de condições semelhantes, mas distinguindo-os de todos os outros e a partir daquilo que têm de mais essencial, já que o gosto é o princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo o que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado. Os gostos (ou seja, as preferências manifestadas) são a afirmação prática de uma diferença inevitável. (BOURDIEU, 2007, p. 56).

Referências Bibliográficas

- AGULHON, Maurice. La Sociabilidad como Categoría Histórica. In: FUNDACION MARIO GONGORA. *Formas de Sociabilidad em Chile 1840-1940*. Santiago do Chile: Vivaria, 1992.
- AGULHON, Maurice. *Le cercle dans la France bourgeoise 1810-1848*. Etude d'une mutation de sociabilité. Cahier des Annales. Paris, Armand Colin, n. 36, 1977.
- AITA, Carmen; AXT, Gunter; ARAÚJO, Vladimir (Orgs.). *Parlamentares Gaúchos das Cortes de Lisboa aos nossos dias: 1821-1996*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1996.
- ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2000.
- ARRIADA, Eduardo. *Pelotas – gênese e desenvolvimento urbano*. Pelotas: Armazém Literário, 1994.
- AVÉ-LALLEMANT, Roberto. *Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858*. (Tradução de Teodoro Cabral). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.
- BECKER, Klaus. A imigração no Sul do Estado de 1844-1852. In: *Enciclopédia Rio-Grandense*. 5º volume. Imigração. Canoas: Editora Regional Ltda, 1958, p. 322-371.
- BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em Évora no Século XIX*. O Círculo Eborense. Lisboa: Cosmos, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. (Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira). São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CONDE D'EU. *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*. (agosto a novembro de 1865). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- CORBIN, Alain. Do lazer culto à classe do lazer. In: _____. *História dos Tempos Livres*. O advento do lazer. (Tradução de Telma Costa). Lisboa/Portugal: Teorema, 2001, p. 59-90.
- CUNHA, Alberto Coelho da. Antigualhas de Pelotas, nº 64. *A Opinião Pública*, Pelotas, quinta-feira, 01.11.1928, p. 1, n. 150, ano XXXIII.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. (Tradução de Ruy Jungmann). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. v.1, Uma história dos Costumes.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. (Tradução Ruy Jungmann). Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1993. v.2, Formação do Estado e Civilização.
- GONZÁLEZ Bernaldo de Quirós, Pilar. *Civilidad y Política en los Orígenes de La Nación Argentina: las sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862*. 2.ed., Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.
- HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: _____ (Org.) *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LONER, Beatriz Ana. Jornais Pelotenses Diários na República Velha. *Ecoss Revista*, EDUCAT – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 5-34, abril de 1998.

VII SEMINÁRIO 2010 ANPTUR

VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

MAGALHÃES, Mario Osório. A presença portuguesa em Pelotas no século XIX. In: GILL, Lorena Almeida; LONER, Beatriz Ana; MAGALHÃES, Mario Osório (Orgs.). *Horizontes Urbanos*. Pelotas: Armazém Literário, 2004, p. 109-17.

MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. 2.ed. Pelotas: EdUFPel; Co-edição Livraria Mundial, 1993.

MELLO, Tancredo de. Pelotas. A sua formação. *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1912*. Anno 24°. Pelotas: Editores Pinto & C., 1912.

MÜLLER, Dalila. “*Feliz a População que tantas Diversões e Comodidades Goza*”: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). 2010. 338f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2010.

MÜLLER, Dalila. *A Hotelaria em Pelotas e sua Relação com o Desenvolvimento da Região: 1843 a 1928*. 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, 2004.

NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle Époque Tropical*. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. (Tradução de Celso Nogueira) São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

OGNIBENI, Denise. *Charqueadas Pelotenses no Século XIX: cotidiano, estabilidade e movimento*. 2005. 274f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2005.

OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. 3.ed.rev. Pelotas: Armazém Literário, 1997. v. 1. (Coleção Cidade de Pelotas, 1).

PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do Segundo Reinado*. 3.ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

1 Essa população era composta basicamente das famílias dos charqueadores e seus escravos, de antigos moradores de Rio Grande, que vieram se estabelecer na Freguesia e de proprietários de fábricas e casas comerciais que se instalaram na cidade.

2 Alberto Coelho da Cunha informa a existência dos seguintes estabelecimentos em 1832: 27 lojas de fazendas, 8 de ferragens, 7 alfaiatarias, 9 sapatarias, 3 lojas de miudezas, 1 tamancaria, 3 marcenarias, 1 carpintaria, 4 lojas de serigueiros, 3 de ourives, 2 de lombilhos, 3 de funileiros, 1 casa de pasto, 1 tanoaria, 2 mascates. “Como coisa suntuosa, contava-se uma fábrica de licores e seis salas de bilhares públicos”. CUNHA, Alberto Coelho da. Antigualhas de Pelotas, nº 64. *A Opinião Pública*, Pelotas, quinta-feira, 01.11.1928, p. 1, n. 150, ano XXXIII.

3 Lei Nº 5 de 27 de junho de 1835, p. 9-10. PROVÍNCIA de São Pedro do Rio Grande do Sul. *Lei Nº 5 de 27 de junho de 1835*. Coleção das Leis Provinciais de S. Pedro do Rio Grande do Sul (1835-1851). (Livro 570 – Legislação Provincial. AHRGS).

4 A noção de lazer é entendida aqui, de acordo com a concepção de Alain Corbin, como a liberdade de usar o tempo livre para distrações ou ocupações a que as pessoas se entregam de livre vontade, e não como sequência temporal sem trabalho. Corbin considera ainda que no seio das elites do século XIX o lazer se achava valorizado. Essas elites dispunham de um tempo livre, o que não quer dizer que eram ociosas, mas que evitavam “o vazio das horas”. A elite é obrigada a “empregar o tempo e tem que encontrar numa ocupação uma razão para viver. Mas as actividades a que se consagra[m] respondem imperativamente a três condições: tem que ser voluntárias, honoríficas e desinteressadas.” (CORBIN, 2001, p. 59-90, p. 62-5).

5 Civilidade tinha, antes de formado e firmado o conceito de civilização, a mesma função que este último, ou seja, a de “expressar a auto-imagem da classe alta européia em comparação com outros, que seus membros consideravam mais simples ou mais primitivos, e, ao mesmo tempo, caracterizar o tipo específico de comportamento através do qual essa classe se sentia diferente de todos aqueles que julgava mais simples e mais primitivos”. No processo de civilização, civilidade era o estágio do meio, precedido de cortesia. (ELIAS, 1994, p. 54).